OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 406

1 DE ABRIL DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Escrevemos esta chronica nas vesperas das eleições, d'essas eleições que tão renhidas estão sendo e tantas violentas discussões estão provocando na imprensa politica de Lisboa.

Não sabemos ainda o que essas eleições darão de si, mas o que sabemos é que vae á urna muita gente que raras vezes ou nunca lá tem ido, e que essas eleições tem despertado interesse em muitas pessoas até agora sempre indifferentes ás luctas partidarias.

E comprehende-se isso.

A nossa situação agora é verdadeiramente excepcional, e as actuaes eleições não se passam em familia como até agora se tem passado sempre.

Hoje a Europa tem os olhos em cima de nós, a Inglaterra espera o resultado d'essas eleições com tanto interesse como o mais façanhudo galopim eleitoral, porque o resultado d'essas eleições tem uma grande significação nacional.

Não se trata como se tem tratado até agora de fazer triumphar um candidato do governo ou um candidato da opposição: trata-se de protestar ou não contra o *ultimatum* inglez, esse brutal *ultimatum* que derrubou o governo progressista e que tão ruidosa indignação produziu em todo o paiz.

O governo regenerador não apresentou candidaturas politicas por Lisboa, apresentou candidaturas patrioticas.

A Inglaterra impozera violentamente a Portugal a retirada de Serpa Pinto do Chire, o gabinete progressista obedecera ao *ultimatum:* o gabinete que lhe succedeu apresenta Serpa Pinto e mais tres dos nossos mais arrojados exploradores como candidatos a deputados por Lisboa, a capital do reino, a cabeça do paiz.

E' um protesto eloquente e brilhante ao *ultimatum* inglez.

As candidaturas dos quatro africanistas n'este momento não tem significação partidaria, tem uma significação nacional.

A opposição entendeu que devia guerrear essas condidaturas, não nos parece que fizesse bem.

Repetimos o que muitas vezes temos dito que não entendemos nem queremos entender nada das tricas politicas dos partidos que se degladiam na nossa terra.

E é exactamente por não querermos saber d'isso que estamos fallando das eleições actuaes de Lisboa que não deviam ter essa significação partidaria pequenina e mesquinha que a opposição entendeu dever dar-lhe, pondo os seus interesses partidarios acima dos interesses sagrados da patria.

Dizem os progressistas e os republicanos que combatendo as candidaturas dos africanistas apresentadas pelo governo, protestam contra as violencias e o mau caminho que o governo tem seguido.

Não discutimos nem queremos discutir a razão de ser d'esse protesto, mas o que é claro, e que se mette pelos olhos de toda a gente é que por mais justo que esse protesto seja vem desastradamente antepor-se a um protesto muito mais significativo muito mais necessario, muito mais inadiavel.

Dando de barato que progressistas e republicanos tenham, como partidos politicos, carradas de razão de queixa do governo, antes d'isso tem por força como portuguez, muito mais razões de queixa contra a Inglaterra.

As candidaturas do governo representam um protesto nacional contra a Inglaterra, as candidaturas da opposição representam um protesto partidario contra o governo.

A questão resume-se n'isto, e entre estes dois protestos não pode haver hesitação. Nem mesmo partidariamente comprehendemos que a haja, exactamente porque as candidaturas africanistas não tem côr politica.

Se elles triumpharem não é o governo que triumpha é a patria, se ellas forem vencidas, não é o governo que perde, quem perde é o sentimento nacional.

A rhetorica e a habilidade politica

D. JOÃO ZARCO DA CAMARA = AUCTOR DO DRAMA «D. AFFONSO VI»

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Eduardo Brazão)

dos varios partidos que se combatem podem mascarar melhor ou peior esta questão, mas a verdade é esta, resalta aos olhos de toda a gente que não tem politica e é por isso que muita d'essa gente, que costuma conservar-se indifferente a estas luctas eleitoraes quando ellas não teem senão a significação da victoria ou da derrota d'um partido, tomam parte na lucta, hoje, que está em jogo a dignidade e o brio nacional, hoje que aquillo a que a opposição chamaria a derrota do governo, pareceria aos olhos da Europa, aos olhos da Inglaterra como que a derrota de todas estas hostilidades sacratissimas que contra ella se manifestaram no primeiro momento. como que a negação de todo esse movimento de indignação patriotica que tão santa, tão justa tem sido.

Acima de todos os interesses partidarios e pessoaes deve de estar o interesse da patria, alguns dos partidos não comprehendem isso, mas comprehende-o toda a gente que não tem nada que ver com a politica partidaria e por isso estas eleições serão extraordinariamente cancorridas por isso tomará n'ellas parte muita gente que até agora se tem sempre abstido.

As eleições cahindo no Domingo de Ramos vieram transtornar as festividades religiosas e em muitas egrejas, que tem que se transformar d'esse dia em assembléas eleitoraes essas festas religiosas ficaram transferidas para o dia immediato.

Por causa das eleições tambem a procissão chamada do Triumpho é que no Domingo de Ramos costumava sahir da egreja dos terceiros do Carmo, em virtude da disposição testamentaria d'um devoto que deixou a essa ordem terceira um legado com a condição expressa de todos os annos fazer n'esse dia essa procissão, realisou-se por determinação do governo na sexta feira das Dôres.

Até quasi á ultima hora muita gente não sabia d'essa transferencia de dia e por isso nas ruas do transito foi muito menor a concorrencia do que nos outros annos.

A respeito da votação nas egrejas, contam os jornaes que o sr. Cardeal Patriarcha lembrou ao governo a vantagem de d'aqui para o futuro o acto eleitoral não se realisar nas egrejas.

Francamente na actualidade não ha motivo algum que explique a necessidade das eleições se fazerem nas egrejas a não ser a falta de outro local, e parece-nos que o sr. Patriarcha tem muita razão na sua lembrança e que seria bom que se escolhesse outro local para se realisar esse acto, que não tem nenhuma razão de ser nos templos o que não é lá d'uma reverencia e d'um respeito religioso por ahi além.

As attenções de Lisboa tem sido n'estes ultimos dias attrahidas pela embaixada africana, que a rainha de Maputo enviou em missão especial ao governo portuguez.

Os embaixadores negros, indigenas, quasi selvagens, tem interessado vivamente Lisboa com os seus costumes originaes, ao principio extremamente primitivos, com os seus habitos, os seus feitios, os seus espantos de negros que nunca tinham sahido do seu sertão, ante os usos e costumes dos lisboetas.

Por toda a parte que esses embaixadores de Maputo se voltem encontram sempre uma multidão enorme de curiosos a examinal-os, a olhal-os como se fossem aves raras, e nos theatros a que tem ido tem sido elles que n'essas noites constituem o principal espectaculo.

A embaixada apenas desembarcou foi comprimentar ao ministerio do reino o sr. presidente do conselho e dias depois foi ao Paço de Belem comprimentar El-Rei.

Acompanha os embaixadores negros um allemão que lhe serve de interprete e que é casado com uma filha da rainha de Maputo.

Nós, parece incrivel, ainda não tivemos o prazer de ver a embaixada de Maputo, mas os leitores do OCCIDENTE vel-a-hão em breve n'uma gravura feita sobre a photographia que nos seus trajes originaes e pittorescos elles foram tirar ao atelier do sr. Camacho.

Novidades theatraes houve algumas n'estas ultimas noites.

Em S. Carlos deu-se a *Carmen* pela sr.ª Bulicioff e pelo tenor Nouvelli, expressamente escripturado para cantar esta opera.

A *Carmen* fez barulho... na platéa.

A sr.ª Bulicioff como muitas vezes temos dito, tem uma lindissima voz, mas não tem talento dramatico, não é uma comediante e d'ahi a sua insufficiencia demonstradissima para desempenhar a protogonista da magnifica opera de Bizet.

No anno passado a sr.ª Pasqua cahira n'esta opera, e alguns anti-pasquistas quizeram fazer n'ella triumphar a sr.ª Bulicioff.

Não o conseguiram como era de esperar, e só o que fizeram foi provocar ruidosas manifestações de desagrado que decerto não teria havido sem essa ovação *surfaite*.

A *Carmen* da sr.ª Bulicioff é a mais insignificante de todas que temos ouvido em Lisboa, incluindo mesmo a d'uma artista de 2.ª ordem que a cantou este verão no Colyseo; ainda assim mercê da deliciosa voz da gentil cantora; a Carmen teria passado sem desagrado se não tivessem querido transformar aquelle desempenho soffrivel n'um ruidoso successo.

O sr. Nouvelli é um artista a valer. Sabe cantar muito bem, mas a sua voz não muito agradavel, em subindo é desagradabilissima e d'ali os signaes de desagrado que provocou na primeira noite.

Nas noites seguintes, o sr. Nouvelli, como realmente é um mestre na arte de canto tem-se defendido muito melhor, e tem conseguido mesmo alguns applausos justissimos.

O sr. Colette é um Escamilla muito rasoavel.

No Gymnasio houve uma festa brilhante a do eminente actor comico Valle, hoje o primeiro comico do nosso paiz inegavelmente — pois Taborda só excepcionalmente apparece no palco.

Valle é o idolo das nossas platéas e com muita razão. porque a sua veia comica é excepcional e em todos os theatros do mundo seria um grande e magnifico artista.

Na noite da sua festa representou-se pela primeira vez o *Commissario de Policia*, comedia em 4 actos, original da pessoa que escreve estas linhas, motivo porque nada dizemos da peça, limitando-nos apenas a registar o successo enorme do desempenho que lhe deram Valle, Silva Pereira, Barbara e Jesuina, a cargo de quem estão os principaes papeis, o bello *ensemble* para que concorreram todos os artistas do Gymnasio, e o primor com que a peça está ensaiada por Leopoldo de Carvalho, e ao agradecer a todos elles a boa vontade e talento com que concorreram para o exito da peça, á critica e ao publico o acolhimento tão lisongeiro que lhe fizeram.

Gervasio Lobato.

O DRAMA «D. AFFONSO VI» E O SEU AUCTOR

I

D. JOÃO DA CAMARA

D. João Zarco da Camara, o laureado auctor do magnifico drama *D. Affonso VI*, que está tendo um successo excepcional no theatro de D. Maria, descende por seu pae, do famoso descobridor da ilha da Madeira Zarco da Camara e do fallecido marquez da Ribeira Grande, e por sua mãe tambem já fallecida, a Ex.ma Sr.ª D. Anna de Bragança (Lafões) está estreitamente apparentado com as familias mais illustres de Portugal, pertence á mais alta nobreza do nosso paiz.

Nascido em 27 de dezembro de 1852, no palacio do smarquezes da Ribeira, á Junqueira, D. João da Camara foi mettido a educar no collegio de Campolide, um collegio já então muito afamado em Lisboa.

Por essa coisa que não se explica e que se chama a vocação, e que sem nenhuma causa logica conhecida nos impelle cada qual para o seu caminho, caminho inesperado que muitas vezes não tem nenhuns antecedentes logicos nem nas tradições de familia, nem na educação recebida ao sahir do berço, D. João da Camara, mettido no collegio de Campolide, um collegio dirigido por padres, sem nunca ter convivido com litteratos, nem auctores dramaticos, nem artistas, creado e educado n'um meio inteiramente alheio a cousas theatraes, escreveu ali, aos doze annos, um drama estapafurdio intitulado *O Diabo*. O que era esse drama ninguem sabe, nem mesmo elle que do seu trabalho de creança se lembra apenas do nome, mas o que é certo é que esse drama era um indicio, era um symptoma, era um prognostico do futuro.

João da Camara sahiu d'ali a mezes do collegio de Campolide, para o collegio do sr. Carreira de Mello, na Esperança, onde teve por mestre de Introducção o hoje illustre medico Dr. Sousa Martins, que então fazia o seu curso de medicina leccionando ao mesmo tempo sciencias naturaes pelos collegios particulares.

Do collegio de Carreira de Mello, D. João da Camara foi mandado por seu pae para a Belgica, para completar em Louvin os seus estudos.

Foi ahi, em Louvin que elle ainda possesso do demonio da litteratura, que aos doze annos lhe fizera escrever em Campolide a sua peça infantil, o tal *Diabo*, escreveu então o seu primeiro drama com feitio regular.

D. João da Camara nunca mais soube o que era feito d'esse drama nem do titulo d'elle se lembra, mas lembra-se do assumpto, — tratava-se d'um homem que no principio da peça era cego, que depois se curava completamente da cegueira, e que no ultimo acto tornava a cegar, mas então voluntariamente, por um motivo qualquer.

Até 1872 D. João da Camara esteve na Belgica, n'esse anno porém morreu em Lisboa seu pae, o sr. marquez da Ribeira e elle voltou logo para Portugal.

Não tinha completado ainda o seu curso d'engenheiro e matriculou-se na escola polytechnica, onde, diga-se de passagem, não se importou lá muito com os estudos.

Em vez de se importar com os estudos João da Camara continuava a importar-se com a litteratura, a lêr poetas, romancistas, dramaturgos, a cuidar sobre tudo de theatro, escolhendo para seus intimos os seus camaradas que tinham tambem a mesma mania: Greenfield de Mello, hoje professor do collegio militar, Meyrelles do Canto e Castro, hoje nosso consul em Bombaim, Francisco e Camillo de Figueiredo, depois muito conhecido na boa sociedade de Lisboa, os Figueiredos da nunciatura, ha annos já ambos fallecidos, Francisco José Callado, que mais tarde foi director do collegio dos Guiões, e Anacleto de Oliveira, que mais tarde foi emprezario do theatro das Variedades e hoje é um medico illustre.

Estes rapazes, todos elles então curiosos dramaticos distinctissimos eram os intimos de D. João da Camara, e d'ali a pouco foram todos seus interpretes, á excepção do Greenfield de Mello.

Para o entrudo de 1873 preparava-se uma recita de curiosos no collegio de Campolide, recita em que eram actores todos elles, e João da Camara escreveu para essa festa um drama em 1 acto, em prosa *Nobreza*, e fez um monologo em prosa e verso, para ser recitado por Camillo de Figueiredo, *Charadas e charadistas*, a proposito da mania de charadas que então o *Diario Illustrado* e o *Jornal da Noite* tinham desenvolvido em Lisboa.

Foram as primeiras peças de D. João da Camara que elle vio em pé, vividas no palco e tiveram muito agrado.

O monologo principalmente teve um verdadeiro successo: Camillo de Figueiredo representou-o magistralmente.

A fama do monologo chegou aos ouvidos do grande e chorado Antonio Pedro, que pensou em recital-o em D. Maria, na noite do beneficio do seu collega Helliodoro: mas metteu-se não sei o que, a doença d'um artista, o beneficio de Helliodoro ficou addiado para d'ali a tempos, entretanto a mania das charadas foi passando, o monologo perdeu o aproposito e não se recitou.

No entrudo do anno immediato (1874) D. João da Camara fez mais duas peças para serem representadas pelos mesmos seus amigos, *A Bernarda no Olympo*, um acto em prosa e verso, e outra peçasinha n'um acto de que nos esqueceu o nome. N'esse mesmo anno e tambem no entrudo, D. João da Camara casou com a filha do sr. conde de Mafra, uma virtuosa e illustre senhora que é a sua companheira adorada e de quem tem seis filhos, seis creanças lindissimas, encantadoras, que são o enlevo do grande artista e do excellente rapaz a quem o *D. Affonso VI*, a sua primeira obra dramatica seria, levou logo ás cumiadas da gloria.

Foi exactamente n'esse anno, na sua viagem de lua de mel que eu conheci D. João da Camara.

Tinha conhecido muito seu pae, no Pateo do Geraldes, em casa do duque de Saldanha e ali conheci tambem seus irmãos, o conde da Ribeira e o D. Luiz:.o D. Segismundo fôra meu contemporaneo no curso superior de lettras, mas o D. João, mais novo que esses tres, nunca o vira.

O entrudo de 1874 foi um entrudo de chuva torrencial.

No sabbado gordo, ás duas horas da madrugada, chovendo agua a potes parti para Cintra em uma carruagem com o José de Figueiredo, hoje um dos maiores intimos de D. João da Camara, e Ernesto Stpellflug.

No dia immediato de manhã, quasi á porta do Hotel Victor, encontrámos um rapaz e uma senhora de braço dado.

— São noivos, disseram-nos no hotel.

Eram D. João da Camara e sua noiva que tinham ido para Cintra fazer a sua viagem de nupcias.

D'ali a poucos mezes em Lisboa travei conhecimento com D. João da Camara, por intermedio do Urbano de Castro que é um dos seus mais queridos amigos, e datam d'ali as nossas relações, que se transformaram logo em estreita e profunda amisade

Passados dois annos, em 19 de dezembro de 1876, D. João da Camara fazia a sua estreia no theatro de D. Maria como auctor dramatico, e o seu nome já conhecido de meia duzia de pessoas, que se importam com litteratura, por o terem visto firmando alguns contos e poesias em jornaes litterarios, apparecia pela primeira vez no cartaz d'um theatro.

A estreia de D. João da Camara foi infeliz, não pela peça, mas pela noite em que se realisou.

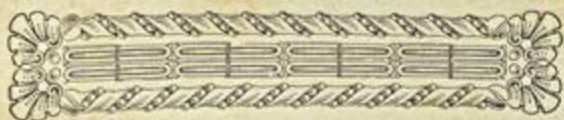
A peça era uma comediasinha em um acto, em prosa, — *Ao pé do fogão*, um conto dialogado, bem feito, bem escripto, bem representado pela Virginia, Augusto Rosa e Lima, mas que passou quasi desapercebido.

O publico estava no theatro á espera do *clou* da noite, *A cigarra e as formigas*, a peça em que debutava a actriz Maria Carolina, um debute que tinha provocado discussões violentas nos jornaes, e que fazia escandalo em Lisboa e por isso podiam dar ao publico verdadeiras obras primas, que elle fôra ali para ver o debute de sensação e não fazia caso senão d'isso.

A estreia de D. João da Camara perdeu-se n'esse escandalo de theatro, a peça escutada com agrado por meia duzia de pessoas, que se interessavam pelo seu auctor, foi ouvida com impaciencia pela maioria dos espectadores que esperavam o escandalo.

Ao pé do fogão teve apenas um pequeno successo de estima: D. João da Camara teve uma ou duas chamadas; no dia immediato os jornaes não se occuparam senão do escandalo da noite da tempestade ruidosa, que foi o debute da nova actriz, e ninguem fallou mais na estreia de D. João da Camara.

D'ali a dois annos D. João da Camara, que terminara havia pouco o seu curso no Instituto Industrial partia como conductor d'obras para os trabalhos do Ramal de Caceres e deixava-se completamente de theatro e de litteratura.

(Continúa.) *Gervasio Lobato.*

AS NOSSAS GRAVURAS

D. MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO

O Occidente não podia deixar de incluir na sua já longa galeria de mortos illustres, a talentosa e prestante professora D. Maria José da Silva Canuto, fallecida em 20 de janeiro d'este anno.

Se não prestamos mais cedo a nossa homenagem á pobre extincta, é porque motivos superiores á nossa vontade o impediram, mas por vir mais tarde nem por isso perde a valia esta homenagem para quem tão grande direito tem a ella.

D. Maria José da Silva Canuto era das poucas mulheres portuguezas que se tem distinguido pelo seu talento, empregando-o muito principalmente no arduo e improbo trabalho de ensinar a infancia.

Verdadeira sacerdotisa da instrucção, a ella dedicou toda a sua vida, por ella luctou com toda a energia do seu caracter, que era de boa tempera, e sem que as fadigas do ensino, lhe extenuassem as forças, ainda vinha para a imprensa affirmar as suas idéas liberaes, medindo-se briosamente com os adversarios, n'aquelle periodo apaixonado e exaltado da politica, que decorreu desde 1834 a 1850.

É assim que a encontramos escrevendo no *Procurador dos Povos*, em 1838, na *Revolução de Setembro*, em 1841 e no *Patriota*, com toda a energia das suas convicções sinceras. E depois, serenados os animos, depostas as armas da grande lucta, acalmado o fogo intenso das paixões, ella prosegue mais serenamente na sua obra de propaganda da instrucção e do principio da associação como o da grande força popular, escrevendo artigos nos jornaes e discursando nas assembléas populares com um dom de palavra atrahente, nem sempre sereno, mas em que a sua alma de poeta muitas vezes a atraiçoava, na pureza dos ideaes que ella queria ver no mundo, mais propenso ao mal do que ao bem.

Parece-nos ainda vel-a discursar sobre a liberdade e fraternidade dos povos, torcendo entre as suas mãos o seu lenço de cambraia, com uma serenidade e convicção só eguaes ao amor com que ella se dedicava á educação das creancinhas.

Já não era, então, a exaltada d'outros tempos, os cabellos começavam a encanecerem-se-lhes, e esses primeiros signaes da velhice, denunciados na alvura d'aquellas cans, eram como que o gelo calmante das paixões d'outr'ora.

Os seus escriptos em prosa e as suas poesias, tinham sempre a intenção de fazer a luz e de a levar aos espiritos obscurecidos. Na *Federação*, annuario que se publicou por 1860 a 1864, encontram-se muitos escriptos seus.

D'ella escrevia Castilho, referindo-se á traducção do *Jocelyn* de Lambertine, feita pela insigne poetisa.

«Tão vasta e agra era de si a empreza para um traductor, que todos se acovardavam de commettel-a. A palavra estava reservada para uma dama.»

«Não foi porém pensando em palmas, nem por confiança nas proprias forças, que a senhora D. Maria José da Silva Canuto, fascinada pelo esplendor do seu livro e sentindo na sua alma, extraordinariamente poetica, toda a força d'aquella insolita poesia se resolveu a experimentar senão poderia repartil-a com as leitoras da nossa terra, e com os tantos para quem os thesouros do francez são ainda cofres de bronze sobterrados.»

«Outra razão conspira com esta: ninguem ignora que já de largos annos o magisterio primario occupava, absorvia, no dia e no serão, na mal retribuida escola publica, e na escola gratuita, espontanea, e toda de sacrificios, as horas, os cuidados, os amores, as vigilias e os sonhos d'esta professora, dedicada como nenhuma, e insigne como raras.»

«Nascida com uma alma varonil para emprehender e perseverar, compenetrada da moderna philosophia que pede, e exige luz para todo e para todos, apercebendo no seu espirito e no seu peito o conjuncto, bem pouco vulgar, dos dotes de que se formam as mães espirituaes e adoptivas das quasi engeitadas criancinhas da plebe, a senhora Canuto achava-se ainda no primeiro viço da edade quando generosa se lançou n'esta carreira de abnegação, em que os desgostos de todo o genero a aguardavam, mas nunca a haviam de vencer.»

Está aqui o elogio da poetisa e da professora.

Por 1868 publicou as *Conferencias Pedagogicas*, depois as *Escavações* e ainda as *Paginas soltas de um livro espedaçado*, publicações feitas em jornaes.

Professora regia da freguezia das Mercês occupou este logar por bons cincoenta annos, leccionando de dia e de noite em aula nocturna, sendo esta aula no Gremio Popular, onde por muito tempo ensinou gratuitamente.

Ha annos a doença impossibilitou-a de ensinar, e a prestante professora teria succumbido á miseria se mão caridosa lhe não valesse, e a camara municipal lhe não desse uma pequena penção.

O sr. Luiz Augusto Palmeirim no seu livro inedicto *Escriptoras e Poetisas Portuguezas*, occupa-se largamente de D. Maria José da Silva Canuto, e foi ahi que, com permissão do seu auctor, respigamos algumas notas para esta breve noticia biographica, e vamos ainda transcrever o seguinte periodo, que illucida sobre o nascimento da fallecida, e que o sr. Palmeirim encontrou n'um artigo publicado no *Jornal do Povo*, de 1876, escripto pela propria poetisa sob o pseudonimo de *Cenobita*:

«Não pertenço a nenhum dos tres partidos em que se divide a grande familia liberal: surgi á luz do dia, quando a estrella do exilado de Santa Helena acabava de sumir-se no occaso: ocordei ao clarão das fogueiras do Campo de Sant'Anna em 1817: saudei com o enthusiasmo infantil de um coração de nove annos o arrebol da liberdade em 1820; vi desfilar as longas scenas patibulares de um reinado de canibaes: assisti em espirito a essa lucta titanica de muitos contra poucos.

«E senão espargi flores sobre a fronte do imperador D. Pedro, na sua entrada triumphante em Lisboa, foi que a minha alma dolorida com tantos males passados, contemplara melancholica o jubilo inefavel d'esse povo que via espedaçados os grilhões, que horas antes lhe roxeavam os pulsos.»

CONFLICTO ANGLO-PORTUGUEZ

A INGLATERRA CONQUISTADORA

IV

(Continuado do n.º 405)

Vamos encerrar esta serie de artigos, com a enumeração dos *serviços* feitos a Portugal pela Inglaterra, e para esse fim appoiamos-nos em um notavel trabalho do grande historiador nacional, João Bonança.

N'este interessantissimo opusculo affirma-se com a incontestavel auctoridade do seu auctor, que em 29 de janeiro de 1642 foi assignado, em Londres, um tratado de paz e commercio com a Inglaterra, onde esta nação se obriga a prestar-nos bons serviços e tratar-nos com *honesta affeição*.

Por este tempo estavamos em guerra com a Hespanha, mas a Inglaterra já havia anteriormente feito com Filippe IV de Hespanha outro tratado tambem de paz e amizade, em que igualmente lhe affirmava o seu appoio e *honesta affeição*. E' claro que por este modo a quem mais convinha entreter a guerra entre Portugal e a Hespanha era á Inglaterra.

Para começar a destruição das artes e industrias portuguezas, os inglezes já possuiam, concedidos por D. João IV, os seguintes privilegios: — «isenção de multas, fintas e serviços publicos; direito de andar armado e trazer 6 homens armados; isenção de contribuir com armas e cavallos para a guerra; permissão de andar montado á fidalga em besta de sella e freio; direito de não pagar impostos de alfandega quando nos seus livros tivessem escripturado o pagamento de esses impostos; isenção de direitos de mantimentos, alfaias, vestidos, que viessem para uso de suas casas e de seus servidores e feitores.»

Esta primeira demonstração de amizade dos inglezes para com Portugal, hão de os leitores confessar, já demonstrava bem o que nos esperava de futuro.

Uma affeição honesta, mas que se vendia por bom preço!...

*
* *

Durante o protectorado do director Cromwel, a pretexto de um desafio nas ruas de Londres, — cousa vulgar n'aquelle tempo — foi preso o conde de Penaguião embaixador de Portugal e seu irmão Pantaleão de Menezes. O embaixador fazendo valer a sua qualidade de diplomata foi solto, mas quanto a seu irmão declarou, o governo inglez, que lhe mandaria cortar a cabeça se o ministro portuguez não conseguisse um *bom* tratado para os inglezes!!... O conde de Penaguião, cedeu, para salvar a vida de Pantaleão de Menezes, e os inglezes ficaram com o direito, em virtude do tal *bom tratado* que teve a data de 1654: de *avaliar as mercadorias que traziam para Portugal*, ficando assim annulado o imposto que houvessem de pagar nas alfandegas; *completa liberdade do exercicio do lutheranismo* no nosso paiz; direito de *transportar de Portugal para Hespanha, armas, viveres e munições de guerra*; determinando, por ultimo, que qualquer pendencia entre as duas nações *fosse resolvida por arbitro inglez!* A' sombra d'esta ultima clausula inglezaram 13:246 libras e quinze navios carregados de mercadorias do Brazil, roubados pelo celebre pirata Blac.

A este respeito ouçamos o auctorisado commentario de João Bonança:

«Pois este humilhante e infamissimo tratado, foi covardemente arrancado, pondo o cutello do assassino sobre o pescoço de um portuguez, que usara do direito de defeza propria, desaffrontando-se de um inglez que o insultara em Londres! E' assim que os bandidos pedem a bolsa ou a vida!»

*
* *

Em 1661 a 23 de junho foi assignado em Londres novo tratado entre Portugal e o inglez; por este e a titulo de dote cedia (!!!) a nação portugueza á ladra insaciavel, Tanger, Bombaim, Ceylão (se esta ilha fosse por Portugal ou Inglaterra tomada aos hollandezes) e oitocentos contos; isto pelo casamento de D. Catharina de Bragança.

Este tratado auctorisou os inglezes a desgraçarem-nos por completo.

*
* *

Em 1667 a 23 de maio, o honrado rei de Inglaterra assigna um tratado secreto com a Hespanha, ainda em guerra contra Portugal, (alliado da Inglaterra, não o esqueçâmos!!...) em que elle, Carlos II se obriga a não dar a Portugal (seu alliado) *auxilio, favor, conselho, directa ou indirectamente; a não subministrar e não consentir que os seus vassallos ou subditos administrem soldados, viveres, dinheiro, petrechos de guerra, munições ou qualquer soccorro para fazer guerra*.

Vejam se ha nada mais vil do que o procedimento do infame Carlos II de Inglaterra!

THEATRO DE D. MARIA II

1. (1.º acto) O infante D. Pedro reconhece no seu adversario, que julgava ser o rei, o conde de Castello Melhor. — 2. (2.º acto) O conde de Castello Melhor e a Rainha. — 3. (2.º acto) D. Affonso VI repelle os protestos dos representantes da nobreza, clero e povo. — 4. O infante D. Pedro.
5. (3.º acto) O conde de Castello Melhor exproba a D. Affonso VI a sua fraqueza e os erros do seu reinado. — 6. (3.º acto) Fim da orgia. — 7. (4.º acto) O enterro de Magdalena. — 8. (5.º acto) Morte do traidor Simão Peres.

SCENAS DO DRAMA "D. AFFONSO VI"

(Desenhos de L. Freire)

Mas... continuemos o triste sudario dos serviços da nação pirata ao seu alliado, e das *gloriosas* conquistas da cobarde Inglaterra.

Em 27 dezembro de 1703 arranca-nos a Inglaterra das mãos do senhor D. Pedro II o tratado de João Methwen que matou a nossa industria annullando toda a importancia europea do povo portuguez. Destruida a industria trataram os nossos *amigos inglezes* de acabar com a nossa agricultura, o que conseguiram introduzindo em Portugal trigos por um preço baratissimo com que o lavrador não podia luctar.

Em alvará de 26 de abril de 1704 ordenou o rei de Portugal que *todos os seus vassalos usassem pannos de Inglaterra e de quaesquer outras fabricas de teia, que costumam vir do mesmo reino.*

O commercio do linho, da seda, da lã tinha por então uma grande exportação em Portugal pela boa perfeição e bem acabado do tecido; milhares e milhares de portuguezes, viviam d'este trabalho honrado, pois tudo isso ficou destruido com trez pennadas da mão real do sr. D. Pedro II, em obediencia ao insaciavel inglez.

Para que se faça bem uma ideia dos terriveis resultados do tratado para o commercio portuguez, bastam as seguintes notas, tiradas do opusculo de João Bonança *Luctas e Progressos das sciencias.* Antes do tratado, Portugal apenas importava do inglez valores inferiores a 400:000 libras; depois do tratado de Methwen, importou immediatamente 1.300:000 libras. O saldo a favor foi n'um *crescendo* constante.

Diz João Bonança: «— Destruidas as fabricas e a lavoura portuguezas os inglezes subjugaram o povo d'este desgraçado paiz pela dupla tyrannia da fome e do frio!»

«E comtudo o ouro e os diamantes nadavam ás ondas por cima de toda esta miseria!»

«Portugal recebia annualmente do Brazil 7:500 kilos de ouro, além de enorme quantidade de diamantes e outras pedras preciosas. O estado auferia por direitos de imposto e cambio 1.575 kilos de ouro cada anno, e pertenciam-lhe todos os diamantes de 20 quilates e d'ahi para cima; e mais 1°/o pelo tributo de conducção de todas as pedras preciosas. Não obstante tão fabulosa riqueza, constantemente recebida pelo periodo de quarenta annos, ao terminar (1739) o reinado de João V, successor de Pedro II, o thesouro publico estava empenhado em oito mil contos de réis e em todo o paiz não havia outro numerario mais do que dois mil e quatrocentos contos de réis em moeda de prata, cheia de liga, e tão ruim, que os inglezes, não a querendo, a abandonaram para as transacções das mais simples e urgentes necessidades do povo portuguez.»

Pois toda esta fabulosa riqueza ia para a Inglaterra, e só no Brazil tinham os inglezes cem mil mineiros a roubar o capital de terras portuguezas.

(Continúa) *Manuel Barradas*

AS HARMONIAS DA LUZ

III

(Concluido do n.º 406)

Sahi da bibliotheca com a cabeça a arder; as fontes batiam-me tumultuosamente, sentia correr o meu empobrecido sangue com uma rapidez insolita e parecia-me não haver ar na atmosphera para os meus pulmões avidos. Não era precisamente o esforço intellectual feito para alcançar as explicações scientificas que Andrea me dera, o que produzira em mim esse estado. Na vida de quietação inalteravel que eu levava, o meu organismo moral tinha-se, por assim dizer, destemperado, esquecido do habito das commoções, e aquella revelação de um phenomeno tão admiravel aos meus olhos, feriu-me profundamente. Errei toda a tarde pela Chiaia e pelas margens do golfo: o meu olhar ancioso procurava toda a combinação de cores nos céos e na terra, e seguindo o impulso do pensamento predominante, fechava os olhos; nas profundidades da retina julgava ver mixturados de um modo surprehendente os tremulos matizes das nuvens que velavam o leito do sol, nos confins do mar, com as sombreadas côres das arvores silenciosas que inclinavam as suas folhas na encosta da montanha. As aguas phosphorescentes, as luzes fugitivas da cidade, que pareciam joguetear com as rajadas da tarde, ora apparecendo brilhantes, ora occultando-se temerosas, os eternos e amarellentos vapores que se escapam da cretera do Vesuvio, tudo se confundia, se amalgamava, e por fim tomava á minha vista estática a forma harmoniosa que o pobre louco de Balzac encontrava na sua tela querida, informe para os outros, radiante de belleza para elle.

A noite que passei, quasi sem dormir, foi uma noite de sonhos vagos, indefinidos, que ondulavam no meu espirito, afastavam-se, dissipavam-se e renasciam sob novos aspectos. Todas as impressões queridas, as que me haviam povoado a alma de adoraveis recordações, se referiam por si mesmas, sem a menor intervenção da vontade, á minha preoccupação dominante. N'aquelle sonho consciente, porque o individuo, até certo ponto, é testemunha muda dos phenomenos que se desenvolvem no espirito, julgava ouvir uma a uma, como de costume, as bellas melodias do *Fausto*; a impressão porém não era a mesma. Não sentia a alma embalar-se brandamente ao compasso de uma musica que só ella ouvia; pelo contrario, um silencio ineffavel dominava a creação, e lá no fundo do jardim de Margarida as aves, de variada e vistosa plumagem, agrupavam-se mudas, e ante os ultimos raios do sol abriam as azas jaspeadas, sacudiam as brilhantes pennas, mudavam de posição e em incessante movimento giravam em torno de Fausto e Margarida que, de mãos dadas, humido o olhar, seguiam extasiados as variações sem fim d'aquelle quadro esplendido de vida e silencio...

E logo a scena mudava lentamente, como esses quadros dioramicos que se vão dissipando insensivelmente aos olhos do espectador, ao passo que no vago fundo da tela começam a delinear-se os contornos principaes de um novo panorama. As arvores e flores, aves e céo, Fausto e Margarida, tudo se desvanecia silenciosamente, perdendo-se n'uma nuvem indefinida em que o meu olhar avido mergulhava, buscando luzes e formas O espirito, em pasmosa actividade, parecia aguardar um atomo para crear um mundo, e ao primeiro resplendor sombrio que brotou d'aquella massa informe, um quadro completo se desenrolou n'um horizonte visivel. Nas margens do mar, entre velhos torreões e rochas escarpadas, debaixo de um firmamento opaco, onde rolavam confusas sombras colossaes, destacavam-se duas figuras supremas, indefiniveis: uma d'ellas, alta, esbelta, robusta, apertava as fontes nas mãos nervudas, em tanto que os negros cabellos se lhe eriçavam no craneo; a outra, ao longe, como andando firmemente pelas brumas do mar, parecia um velho cavalleiro, erguido sobre um tumulo gothico da Edade Media á poderosa evocação de uma força irresistivel. Tinha o braço direito extendido e, no mortal silencio, uma voz profunda, alheia ao espectaculo, me retumbava na alma e julgava ouvir o nome de Hamlet...

Quanto tempo durou aquella excitação? Não sei; mas quando no dia seguinte entrou a luz pela janella e quiz levantar-me, senti uma força invencivel que me impedia de deixar a cama. Desde esse momento as minhas recordações confundem-se; luctas, protestos, allucinações, paisagens encantadoras, visões horriveis, sonhos delicados e espantosos pesadelos... tudo confundido parece terse-me gravado na memoria.

A grande e serena figura de Andrea destaca-se d'esse quadro de confusão; julgo recordar a sua actividade triste e ao mesmo tempo suave, julgo ouvir as suas palavras de consolo e persuasão, mas quasi sem consciencia, como os ultimos vestigios do delirio...

Soube depois que durante um mês estive entre a vida e a morte, sob a influencia de um ataque cerebral que me turbou profundamente as faculdades. Nos quinze primeiros dias da minha doença, um extrangeiro, de aspecto veneravel, vieram diariamente passar duas ou tres horas ao meu lado, sendo a unica pessoa que tinha bastante dominio em mim para me fazer tomar os medicamentos que eu instinctivamente repellia.

O delirio fora continuo; falava de orgãos, luz, côres, ether vibrações e nomeava a cada instante o padre Castel, Andrea e Lena. Quando o estrangeiro me ouvia, assombrea-va-se-lhe o rosto e cahia em profunda meditação. Mas duas semanas depois da minha cahida, não tornou mais o ancião.

O meu primeiro cuidado, logo que entrei completamente em mim e pude experimentar as forças, foi dar instrucções para que me trouxessem noticias de Andrea Tanarotti e sua filha. A força de investigações, consegui saber a sua morada: não havia ninguem na casa, que parecia completamente abandonada.

Todas as minhas pesquisas foram vãs e quando tres meses depois, de todo restabelecido e com a esperança de ter regenerado os pulmões, pensei em voltar á patria, um dos poucos pesares que sentia na alma, era não saber nada de Andrea e sua filha.

Dois dias antes de partir, quiz aproveitar a belleza da tarde para despedir-me dos sitios que me foram caros; tomei vagarosamente o caminho da praia e mirando intimamente cada grupo de *lazzaroni* que encontrava, como dizendo-lhes o meu ultimo adeus, fui insensivelmente até o ponto onde, seis meses antes, extendera a mão a Andrea para descer do bote. Lembravam-me todos os incidentes d'aquelle acto, a expressão triste de Andrea e a physionomia abatida de Lena, o meu passeio até á cidade na sua companhia... e, comtudo, parecia-me não ter consciencia plena de que tudo aquillo não fosse um sonho.

Absorto em profunda meditação, não notava que o porteiro da casa onde eu estava hospedado se dirigia para mim a passo accelerado. Quando estava perto, agitou na mão uma carta. Sabia que áquella hora me achava na praia, e eu deralhe ordem para que me levasse alli qualquer communicação.

Abri precipitadamente a carta e dei um grito: era de Andrea.

Dizia assim:

«Meu bom amigo.

«Tinha um pensamento no cerebro, um sentimento no coração, uma illusão na terra e uma esperança no céo, hoje o meu craneo está secco, o meu coração petrificado, a terra é um deserto arido e o céo desvaneceu-se para mim: Lena morreu!

«N'uma noite sombria extinguiu-se-me nos braços, sorrindo meigamente ao pobre velho que fica no espaço e no tempo, ante a tremenda solidão da duvida...

«Espero que terá perdoado ao pobre velho, causa innocente do seu soffrimento, porque sei que passou o perigo.

«Adeus, seja feliz n'este mundo, onde morreu Lena e vaga sem repouso, a sombra do espirito de

Andrea.»

Todo o homem tem no fundo do coração uma imagem querida que lhe apparece quando a intima tristeza o invade; felizes aquelles a quem essa imagem se mostra rodeada de doces e risonhas recordações! Em quanto a mim, hoje que a lucta da vida me deixou na fronte e no peito os seus amargos vestigios, não posso cahir no extase silencioso do passado sem que em minha alma se levante a figura delicada da pobre Lena, com os seus grandes olhos, com as suas faces descarnadas, evocando no seu orgam maravilhoso as combinações indiscriptiveis da luz, em suas explendidas harmonias.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XX

Chegado á porta da sua escada o major Rodrigues agradeceu muito ao Quim a amabilidade e o carinho com que o acompanhára e quiz por força que elle não se incommodasse mais, que seguisse o seu caminho, que fosse á sua vida, á *via sacra* da vingança da sua honra ultrajada, como elle lhe chamava.

Mas o Quim não esteve pelos ajustes.

Que não senhor, que não lhe dava nenhum incommodo, que o havia de deixar em casa, insistiu o Quim não querendo confiar o seu padrinho da antevespera, o seu adversario da vespera e o seu alliado d'essa manhã, aos braços carinhosos da esposa e da criada, que muito assustadas com o sequito enorme que acompanhara o major e que enchia toda a rua, tinham descido a escada n'um pulo, todas alvoraçadas, para receber o seu marido e o seu patrão que parecia mal se poder mecher.

Como o Quim não desistisse do seu obsequioso proposito, o major não teve remedio senão ceder e lá foi pela escada acima, como um andor, amparado pela consorte, pela criada, e pelo dedicado amigo.

Só quando o deixou deitado sobre o sophá de molas quebradas, onde passára aquella noite tormentosa do fogo de vistas no Passeio, foi que o Quim deu por terminada a sua missão

— Bem, bem, meu amigo, disse-lhe entre gemidos doloridos o major Rodrigues, agora já estou em casa, vá á sua vida e pode querer que o que me doe muito mais do que a trocedella da perna é o desgosto profundissimo que tenho de o não

poder acompanhar na sua santa cruzada e de o ajudar a dar uma ensinadella mestra a toda essa cambada que teve o desafôro de morder na sua reputação, e de entalar o meu nome n'esse infame ultraje.

— Sim senhor, agora vou lavar em sangue a minha honra maculada, respondeu o Quim, mas já sem muita convicção, porque aquella estação inesperada no principio da sua heroica viagem, tinha sido como que um copo d'agua fria na fervura do seu bellico euthusiasmo.

— Não pode calcular o pesar que eu tenho em não o acompanhar insistiu o major com muitos *ais*.

E depois como que para se consolar accrescentou:

— Mas deixe estar meu amigo que não ha bem que sempre dure, nem perna torcida que não acabe, se ainda houver algum biltre a ensinar, alguma infamia a punir, eu cá estou e não o despenso de me encarregar d'esse serviço.

O Quim que tinha já pegado no chapeu e na bengala para se ir embora, tornou logo a pol-os muito depressa no seu logar.

— O que é! perguntou o major um pouco inquieto com esse movimento do Quim.

— É uma cousa, disse o Qim mysteriosamente, como que pezando ainda no seu alto criterio a idéa que de repente lhe acudira ao espirito.

— Que cousa?

— Uma idéa!...

— Que idéa, homem! insistiu o major sobre brazas.

— O meu amigo sacrificou-se por minha causa, não é assim!

— Sacrifiquei-me como?

— Torcendo a perna.

— Eu não torci a perna por querer, affiançolhe, apressou-se em garantir o major Rodrigues.

— Bem sei que não foi por querer...

— Ah!...

— Ninguem torce pernas por querer...

— Está bem visto.

— Mas pernas torcem-se em serviço d'alguem, e o meu amigo torceu a sua em meu serviço.

— Não senhor! qual historia contestou muito amavel o major, não querendo allegar favores.

— Ah! lá isso torceu tal. Se não fosse eu o senhor não tinha saido de casa, se não tivesse sahido de casa não tinha ido á rua, se não tivesse ido á rua não torcia a perna!...

— D'esse modo...

— Sim, já vê que se eu não fui a causa immediata do senhor torcer a perna, fui com certeza, innegavelmente a causa remota e por tanto devo-lhe uma indemonisação...

— Uma indemnisação repetiu o major Rodrigues muito admirado.

— Decerto, devo-lhe uma indemnisação e vou pagar-lh'a

— Não senhor, de fórma alguma, eu não aceito nada, interrompeu logo o major cheio de nobre altivez, eu não torço pernas por dinheiro...

— Não é dinheiro que eu lhe vou dar, Deus me livre de tal! protestou o Quim.

— Ah!

— Mas nem só de dinheiro vive o homem.

O major não se atreveu a contestar este paradoxo.

— O senhor mostrou-me agora um desejo...

— Eu? perguntou o major muito intrigado, sem se lembrar já do desejo que mostrara.

— Sim, o sr. mostrou o desejo de tomar parte tambem na lucta homerica que eu vou emprehender para desaffrontar a minha honra.

— Ah! sim, decerto...

— Pois bem! Vou satisfazer-lhe esse desejo!

— Hein!

— Sim senhor! E satisfazendo-o cumpro muito justamente um dever sagrado.

— Mas satisfazendo-o como?

— Addio a lucta homerica.

— Não senhor, isso de maneira nenhuma, tornou logo o major Rodrigues.

— Addio, tenho muito prazer em lhe ser agradavel.

— Não senhor, não addie tal a lucta homerica.

— Já disse que addio.

— Luctas homericas não se addiam nunca.

— Uma vez é a primeira.

— Mas eu é que não quero, eu é que não posso admittir que o meu amigo abra esse precedente na historia das luctas heroicas por minha causa.

— Mas se eu tenho muito gosto.

— Eu é que não tenho, o senhor não addia coisa nenhuma e vae já já á sua vida.

— Mas...

— Não lhe admitto mas. O senhor disse ha pedaço que fora a causa de eu torcer a perna, não é assim?

— Disse e repito.

— Pois bem! um homem que torce a perna por nossa causa deve-nos ser sagrado.

— E é.

— Pois é appellando para essse titulo sacratissimo, é em nome d'essa perna torcida por sua causa, que eu lhe peço, que eu lhe supplico, que eu lhe exijo até, se preciso fôr, que não addie a lucta homerica e se lance immediatamente n'ella, com o nobre denodo e heroico valor de que aind'agora me deu aqui mesmo prova eloquente.

— Não senhor, peça-me tudo que quizer menos isso. Addio e espero pelo senhor.

— Não, lá isso não espera.

— Espero tal, não me custa absolutamente nada.

— Deixal-o não custar, eu é que não quero. Por mim não espera, tanto mais que ninguem sabe quanto tempo leva a destorcer uma perna torcida.

— Leve o tempo que levar...

— Posso ter aqui para peras.

— Embora, terá tambem para peras a minha vingança.

— Mas isso é que não pode ser, isso é que eu não quero que seja, isso é que não será: não admitto que pessoa alguma possa um dia dizer, com razão e com verdade, que por causa do major Rodrigues teve para peras a vingança d'um cavalheiro.

— Ninguem o saberá, a ninguem o direi nunca, juro lhe.

— Mas sabel-o-hei eu e era o que bastava para nunca o perdoar a mim proprio. O meu amigo parte já, vae immediatamente desaffrontar o seu nome, vae bater-se com esse bando de infames, e como elles são muitos e como a sorte das armas é varia, se o meu amigo succumbir no meio d'essa gloriosa lucta em que vae empenhar-se, se em algum dos combates que vae ferir ficar ferido e a sorte lhe fôr adversa, juro-lhe que vingarei a sua derrota e que o major Rodrigues fará pagar bem caro o sangue do meu amigo.

O Quim fez uma careta por dentro a estes offerecimentos e a estas hypotheses e perguntou mascando:

— Então decididamente é essa a sua ultima palavra?

— É a minha ultima palavra.

— Não quer que eu addie.

— De moda algum.

— Bem, n'esse caso seja, adeus.

— Adeus!

— Vou para o campo da honra.

— E Deus queira que se dê por lá muito bem, que volte de lá de perfeita saude.

— Muito obrigado, disse o Quim apertando-lhe a mão tornando a pegar no chapeu e na bengala e derigindo-se para a escada.

Gervasio Lobato

(Continúa).

NOVIDADES DA SCIENCIA

Novo isolador eletrico.—Até hoje tem sido o vidro um dos melhores isoladores electricos que se conhecem, mas as experiencias de Schultze descobriram ultimamente que a mica é preferivel ao vidro.

A conductibilidade das laminas da mica obtidas pela *clivagem*, cresce ao mesmo tempo que a temperatura se eleva e passa por um *maximum*, diminuindo depois até a zero para as temperaturas muito elevadas.

Tem-se feito experiencias comparativas entre o vidro e a mica, e esta tem saído sempre victoriosa.

Papel de porcelana para a photographia.— A preparação d'este papel, d'um branco sensivel, e sem lustre, tendo a apparencia de procellana, faz-se da seguinte fórma:

Imerge-se em uma sollução de sal ammoniaco 1: 120 de papel barytado, depois faz-se seccar.

Para tornal-o sensivel emprega-se o banho de prata, que serve para o papel albuminado e, depois de secco, expõe-se durante alguns minutos ao gaz ammoniaco.

Este papel emprega-se sob a negativa, depois lava-se em agua ligeiramente salgada; a prova é immersa em banho d'ouro e fixada; por fim o papel lava-se muitas vezes em agua quente e por ultimo em agua fria.

Pau-pedra.—É um mixto de serradura e de magnesite calcinada reduzido a pó por meio de um apparelho especial.

A mistura interna do pó peneirado de magnesite e da serradura de madeira faz-se igualmente em um apparelho apropriado, composto de um compressor de mós de pedra e pisões.

Ao saír d'este apparelho a materia é destribuida para outra machina que a corta em pedaços quadrados mettendo-os em fôrmas em caixilhos sobrepostos.

Esta compressão preparatoria deve operar-se lentamente, com todo o cuidado, para que todos aquelles pedaços fiquem n'uma structura homogenea e espessura bem igual.

Da prensa preparatoria os pedaços passam para uma machina de comprimir que deverá apertal-as durante oito horas pelo menos.

Os productos acabados são tirados das fôrmas por meio d'uma prensa hydraulica e postos a seccar.

Este *pau-pedra* é perfeitamente incombustivel e impermeavel á agua, propriedades que, juntas á sua resistencia e ao polido, que é susceptivel receber e a conservação exacta da fórma e das dimensões que lhe foram dadas, o recommendam para as construcções de ladrilhagem, revestimentos, coberturas á prova d'agua, etc., assim como para o armamento.

Ensaios, feitos em Dresde e em Berlim, lhe asseguram um futuro prospero a desempenhar nas obras onde se requeiram solidez e consistencia.

Photographia dos projectis á sahida da arma: — Os processos instantaneos de photographia, chegados hoje ao mais alto grau de perfeição, permittem apanhar nos *clichés* a imagem da bala de artilheria nos diversos pontos da sua trajectoria. Sufficientemente sensivel, quando se trata de grandes projectis, não o era quando se pretendia applicar á bala, de espingarda.

Conseguiu vencer-se a difficuldade por meio de um artificio que permitte allumiar a bala no momento em que ella passa no eixo da objectiva. A placa sensivel é preparada em gelatina-bromureto extra-sensivel e o apparelho colocado na grande camara escura, atravez da qual deve passar o projectil.

Ante o objectivo, a pequena distancia, ha um circulo electrico fechado que a bala cortará ao passar. N'esse instante produzir-se-ha uma viva faisca d'inducção que illuminará o projectil durante o tempo sufficiente para impressionar a placa photographica, ficando ahi a imagem da bala.

As provas obtidas por este processo são d'uma grande nitidez e isentas de defeito. N'ellas se vê a depressão do ar, em frente da bala, o tubo que lhe fica depois da passagem, e em volta as ondas concentricas.

Alcool de castanhas do Maranhão: — Ninguem ignora que as castanhas do Maranhão, e mais ou menos a castanha vulgar, conteem grande quantidade de assucar e, por consequencia não nos podemos admirar que esse fructo seja susceptivel de ser transformado em alcool. A questão está em ver-se esse alcool ficará por preço excessivamente cáro.

Algumas experiencias acabam de fazer-se e pretendem os industriaes que as castanhas dão resultados mais remuneradores destilando-as que consumindo-as em fructo, porque a sua pôlpa contém 48 p. c. de substancia alcolisavel, isto é: 28 de amidon, 6 de glucose, e 14 de assucar crystalisavel.

Para destillar a pôlpa, descasca-se, deita-se em agua quente e depois piza-se. Põe-se tudo de molho durante duas horas em agua muito quente (45 graus) mistura-se com cevada germinada, e tanto que a fermentação alcoolica se desenvolver mistura-se a quantidade sufficiente de agua. Logo que o assucar esteja transformado em alcool pela fermentação, separa-se da pôlpa o liquido que se deita em um alambique e se destilla. A pôlpa constitue uma excellente comida para o gado.

Por cada 100 kilos de castanhas se póde extrahir 20 litros de alcool. Esse alcool é de excellente gosto.

Perigos da illuminação electrica.—Um artigo publicado por Edison no *North American Review*, sobre os perigos que apresentam as correntes de alta tensão, tem levantado protestos energicos da parte dos americanos.

A these sustentada por Edison póde resumir-se em algumas palavras transcriptas do seu notavel artigo:

«Não ha razão alguma—diz elle—que justifique o emprego das altas tensões e de correntes alternativas, quer no ponto de vista commercial, quer no scientifico.»

E depois, accrescenta:

«O meu sincero desejo pessoal é que seja prohibido, d'uma maneira absoluta, o emprego de correntes alternativas.»

O *Electrico*, ao transcrever estas palavras, faz-lhes as seguintes considerações:

—«Estas ideias, que podiam emittirem-se e propagarem-se ha alguns annos, quando a arte de utilisar as correntes alternativas estava ainda na infancia, não admittem hoje discussão. Póde ainda haver preferencias para a corrente continua, cujas applicações são mais variadas e que se prestam directamente á carga dos accumuladores, mas contestarem-se as vantagens da corrente de alta tensão ninguem hoje o faz, salvo Edisson, que ousa propôr a sua suppressão absoluta, a não ser que tambem se proponha a do emprego de petroleo e das caldeiras a vapor, pelos accidentes que constantemente estão produzido.»

M. George Prescott combate os argumentos de Edisson e faz, com razão, observar que esse grande homem que até hoje pode considerar-se como o mais emprehendedor e amante do progresso, se esteja agora collocando contra uma industria que o seu genio tanto contribuiu para se desenvolver e ouse gritar ao progresso que pare, ou que retroceda!

Para todos os electricistas a questão está julgada: — os argumentos de M. Edisson, não obstante a alta auctoridade que se liga ás affirmações do celebre inventor americano, é de esperar que não prevaleçam ou venham fazer modificar a legislação, no sentido contrario ao progresso.

Veremos para o futuro se Edisson tem razão em se arrecear dos perigos da illuminação electrica, e se os industriaes terão de engulir todas as invectivas que hoje lhe estão dirigindo.

S. P.

REVISTA POLITICA

A' hora a que escrevemos já o povo portuguez tem exercido o acto mais soberano da sua vida politica, depositando nas quatro mil urnas eleitoraes semeadas pelo paiz, o seu voto independente ou convencional, conforme as circumstancias lh'o permitte.

Para muitos se foram douradas esperanças acariciadas com amor, emquanto outros rejubilam com a victoria alcançada.

É esta sempre a historia de todas as eleições, e com respeito aos meios empregados no combate, meios mais ou menos licitos, elles não divergem, em geral, dos que sempre se tem posto em pratica, quer por parte das opposições quer por parte dos governos.

D'esta vez, porém, appareceu uma nova arma de combate, que sem ter merito de invenção, só tinha a inconveniencia de se empregar, por ser incoherente e desleal.

É assim que a imprensa governamental classifica o procedimento da opposição progressista que pactuou com o partido republicano para dar um cheque ao governo na eleição de Lisboa.

O pacto foi bem combinado e bem publico, e cumprido fielmente como o prova o resultado da eleição.

Os republicanos votaram no candidato progressista sem pestanejarem, recebendo em troca os votos dos progressistas para os seus candidatos.

Foi bilha de leite por bilha de azeite, em que os republicanos ganharam, mas em que os progressistas perderam.

Ha tambem quem commente o facto d'outro modo, atribuindo a victoria dos republicanos aos dois mil eleitores que votaram a mais n'estas eleições, em relação ás ultimas que se fizeram em outubro. Mas esses dois mil eleitores n'este caso são mais dois mil republicanos que de outubro para cá sahiram do casulo?

Esses dois mil votos a mais que n'estas eleições appareceram serão todos de republicanos?

Não nos parece, porque tendo tido o candidato republicano mais votado nas eleições de outubro, o sr. Latino Coelho 3:239 votos, devia ter agora cinco mil duzentos e tantos votos; e no entanto o candidato republicano mais votado agora o mesmo sr. Latino Coelho, teve 6:983 o que dá uma differença de cerca de 1:750 votos.

Quem deu então estes votos aos republicanos?

Sem commentarmos o facto deixamol-o apontado, porque elle é importante para a historia e mostra bem a desorientação em que anda a politica portugueza, que de resto não é mais que o barometro onde se acusa o mal estar da nossa sociedade, onde as convicções politicas vacilam cada vez mais, a ponto dos proprios monarchicos cavarem a ruina da monarchia.

Estabelecido este precedente, se amanhã os regeneradores se quizerem servir da mesma arma de que hoje se serviram os progressistas, mais nenhum governo ganhará uma eleição em Lisboa, e se a coisa se combinar bem, quem sabe se em todo o paiz.

D. MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO

Fallecida em 20 de janeiro de 1890 — (Segundo uma photographia)

Em Lisboa venceu a lista republicana com o sr. Fernando Palha por uma maioria de oito centos votos, ficando o governo com dois deputados pela minoria, que são os africanistas Serpa Pinto e Antonio Cardozo.

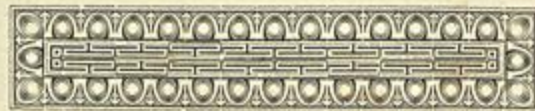
No resto do paiz, apezar de não se saber ainda o resultado das eleições em todos os circulos, é todavia certo que, pelos resultados conhecidos, o governo venceu.

Ao contrario do que se annunciava, as eleições em Lisboa realisaram-se na melhor ordem, e o mesmo parece que se praticou em todo o paiz, não havendo até agora noticia de desordens, que se as tiver havido não será para admirar, principalmente n'esta occasião, em que os animos andam exaltados por differentes causas que o celebre *ultimatum* da Inglaterra veio exacerbar.

E já agora que tocamos na ferida, temos que dizer ao leitor, que nada se sabe por emquanto do estado em que se acham as negociações do governo portuguez com o governo britannico, sobre a solução da pendencia.

É esta uma das causas do mal estar, para os que conservam alguma esperança.

Oxalá essa esperança tenha fundamento e todos os portuguezes a vissem realisar com honra e gloria para Portugal.

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

Cruzadores para a marinha de guerra portugueza.—Os novos cruzadores que se vão adquirir para augmentar a nossa esquadra terão casco d'aço, deslocamento de 4:200 toneladas, machinas de triplice expansão e velocidade não inferior a 20 milhas por hora. Serão artilhados com seis peças de 15 centimetros, quatro de tiro rapido, de 65 millimetros, quatro canhões rewolvers de 37 millimetros, quatro metralhadoras de calibre de espingarda e tres tubos para lançar torpedos. O casco será blindado até 80 centimetros abaixo da linha d'agua. A illuminação electrica é feita por dois fócos, systema Maginna. Terão dois escaleres, um vapor e um torpedeiro. Este programma foi remettido a cinco casas constructoras; uma allemã, outra franceza, outra italiana, outra austriaca e outra americana.

Pelo que se lê não serão os inglezes que, d'esta vez, fornecerão sucata para a nossa marinha.

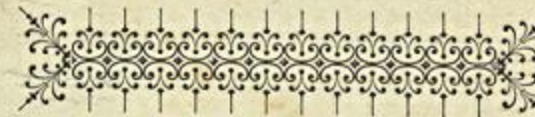
Muito bom seria que nos libertassemos d'estes fornecimentos estrangeiros, tratando a valer de dar impulso á industria nacional.

Grande concerto em S. Carlos. — Realisou-se em a noite de 29 do mez que acabou, no theatro de S. Carlos, o grande concerto promovido pelos estudantes de Lisboa e a favor da grande subscripção nacional. A enchente no theatro foi completa, ostentando a maior parte das damas *toilletes* azues e brancos e os cavalheiros casaca e gravata branca.

Ao fundo do palco havia um coreto onde estava a banda da guarda municipal. A orchestra era composta pelos socios da Associação Musica 24 de Junho e Pelos da Real Academia de Amadores de Musica e dirigida pelo sr. Antonio Duarte.

Tomaram parte no concerto as cantoras de S. Carlos, Tetrazzini, Boulicioff, Corsi, Pasqua e Judice da Costa, e os cantores, Ortisi Broggi, Colletti, Menotti, Ercolani, Borucchia e o destincto amador sr. D. José de Almeida.

O programma do concerto foi magistralmente executado, e a *Portugueza* foi ouvida de pé por todos os espectadores.

Foi uma festa patriotica que deixou as mais gratas recordações a todos que a ella assistiram. Deve ser importante o producto d'esta festa para o cofre da grande subscripção nacional.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Luzitania e da Iberia por João Bonança. Recebemos o fasciculo 16. Assigna-se para esta obra em Lisboa, rua Ivens n.º 41. Cada fasciculo é de 32 paginas e custa 400 réis em Lisboa ou nas terras onde ha estações postaes;—por volume pago adiantado réis, 6$000; a obra completa (3 vol.) 17$000 réis.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES